

PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO

*A Era do Rádio em Campinas**

Muitos radialistas, que se tornaram famosos ou não, passaram pelo rádio de Campinas no período de 1927 a 1960. Eram idealistas. Gente que colocou o amor ao rádio acima de ambições pessoais, para fazer chegar aos ouvintes as transmissões de suas emissoras. Batalharam com equipamentos rudimentares de poucos recursos técnicos e "vestiram a camisa" da estação, como se fossem, eles mesmos, os donos dela. Criavam em cima das deficiências da época: puxando fio, inventando jogo, dublando, carregando equipamento pesado em ônibus, "quebrando o galho" em inúmeras ocasiões, levados que eram pela centelha sempre acesa de um ideal romântico. Foi preciso paixão ao rádio para vencer. Amor de quem ama o que faz. Aquele ímpeto que impulsiona os pioneiros sempre no sentido de desbravarem novos caminhos, mesmo que, muitas vezes, tivessem que "plantar" postes e esticar quinhentos metros de fio para transmitir um jogo de futebol e fazer muitas outras peripécias.

Foram eles que fizeram "A Era do Rádio em Campinas," com a Educadora conhecendo seu grande auge por volta de 1945 e a Brasil, nos meados dos anos 50, e que, mesmo parecendo estranho, foram vividos exatamente na época em que as "coisas eram mais difíceis".

A aventura do rádio em Campinas começa nos primeiros meses de 1927, com os campineiros ouvindo "descargas elétricas" em aparelhos rudimentares de recepção; enquanto Jolumá Britto, um jovem de 21 anos, sonha ser um dia, *speaker* de uma estação radiofônica local. Neste ano, quinze estações de rádio brasileiras e muitas estrangeiras estão transmitindo suas programações.

(*) Resumo da monografia "A era do rádio em Campinas", resultado de Projeto Experimental elaborado em 1987 por um grupo de alunos do 4º ano noturno do Curso de Jornalismo do Instituto de Artes e Comunicações da PUCCAMP.

"Era muito difícil, nos ouvirmos rádio aqui em Campinas", conta Jolumá, "principalmente depois das 18 horas; porque havia interferência. Mesmo sabendo das dificuldades existentes, começamos a fazer tentativas para ouvir alguma coisa aqui na cidade. Uma noite, eu e o Aguiinaldo Xavier de Souza fomos à casa do Francisco Xavier de Souza Júnior, na Rua Barreto Leme. Lá pelas quatro horas da madrugada consegui ouvir Nova Iorque em ondas curtas."

Naquela madrugada distante de 1927, Jolumá Britto começou a planejar um meio de motivar as pessoas para montarem uma transmissora na cidade. Como ele trabalhava de redator-secretário no jornal *Gazeta de Campinas*, iniciou uma série de artigos fazendo apelos para que os leitores colaborassem com sua idéia.

As primeiras experiências de transmissão radiofônica em Campinas

"Houve uma tentativa de transmissão em janeiro de 1928", afirma Ary Rodriguez. A estação transmissora foi instalada no Clube Atlético Campinas, no Largo Santa Cruz, e o receptor colocado no Cine Rinque, centro de Campinas. Para essa experiência, chamaram Marcondes, que era técnico de rádio. Mas não deu resultado. Foi um fracasso. E essa foi a primeira experiência de transmissão em Campinas".

No ano seguinte, um grupo de "amadores" tentou pela segunda vez uma transmissão local. A nova experiência contou, também, com o apoio do técnico Marcondes. A estação transmissora foi instalada na oficina da Casa Telefônica (Importadora) de Eleutério Rodriguez, rua Dr. Quirino, 1446, e o receptor colocado na Casa Genoud, esquina da Rua Barão de Jaguará com César Bierrenbach. Numa torre ali existente foram instalados dois alto-falantes.

Ary Rodriguez, que teve participação ativa, relata a experiência: "A primeira transmissão foi à noite, no meio da semana; e havia centenas de pessoas na rua Barão assistindo. Fizemos algumas noites seguidas, durante cerca de uma semana, e paramos. Fez-se essa experiência, e daí as coisas foram ganhando rumos, com entusiasmo crescente da cidade pela radiofonia. Essa foi a primeira experiência de transmissão radiofônica realizada em Campinas que deu certo."

No ar a primeira emissora radiofônica de Campinas

Itálo Corsi Lazzeri, Luiz Vespoli, Jolumá Britto e Mário Vieira da Silva juntaram-se ao técnico de rádio da Marinha, Alexandre Gomes Siqueira,

e iniciaram os preparativos para concretizar o sonho de mandar ao ar as ondas hertzianas. Para comprar as peças e montar a primeira emissora de Campinas foram gastos dez contos de réis. Montaram uma estação de dez watts num barraco de madeira existente numa chácara da mãe do Mário, pegado à linha da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, na Ponte Preta, fim da rua Barão de Jaguara.

"A primeira vez que a estação funcionou", relata Jolumá, "foi numa noite de março de 1930, mais ou menos 22 horas. Apesar da forte emoção que sentia, consegui me controlar e falei assim: 'Aqui fala de Campinas! Nós estamos fazendo transmissão para ver se ouvem a nossa rádio. Quem estiver ouvindo, telefone ou escreva para nós'. Telefonaram da Rocinha, hoje Vinhedo, dizendo que estavam ouvindo perfeitamente a estação radiofônica de Campinas. Muito emocionado, ainda consegui exclamar: 'Puxa vida! como vai longe!'"

Logo depois, algumas pessoas que trabalhavam na Companhia Campineira de Tração, Luz e Força se interessaram pela emissora. Juntaram algum dinheiro e compraram novos equipamentos. Aumentaram a potência da "estaçãozinha" de dez para vinte watts e transportaram tudo para uma casa pequena, localizada quase em frente ao Cemitério de Almas na avenida da Saudade, onde iniciaram nova fase experimental. E em 26 de junho de 1930, reuniram-se para tratar da fundação da sociedade denominada Rádio Clube de Campinas, com a ata dessa reunião sendo registrada em cartório no dia 2 de julho de 1930.

Em 1933, a emissora muda-se para a avenida Francisco Glicério, 1316, no centro da cidade, com sua instalação sendo feita por Antônio Tepedino Pagano, o Tininho Pagano, um eletricitista que substituiu Alexandre Siqueira. E no dia 11 de novembro de 1933, a rádio recebe seu prefixo: PRC-9.

Com isso, o Rádio Clube de Campinas mudava também de nome e passava a ser registrada de acordo com a lei: PRC-9 Sociedade Rádio Educadora de Campinas, com uma frequência de 1.170 quilohertz.

A programação da PRC-9

Tendo como presidente e vice-presidente Miguel Ricci e Tininho Pagano, com Jolumá Britto na chefia de broadcasting, e Antônio César Ladeira no cargo de secretário-programador, a Sociedade Rádio Educadora PRC-9 iniciava nova fase. Instalada na Francisco Glicério, 1316, no centro de

Campinas, em prédio próprio de três andares, tinha suas programações publicadas diariamente na imprensa local. Do jornal *Diário do Povo* tiramos a programação do dia 28 de dezembro de 1933 para dar uma idéia do que ia ao ar nesse início.

PRC-9 RÁDIO EDUCADORA DE CAMPINAS

Das 11h30min às 13h - Programa de discos

Das 20h às 20h30min - Programa de música séria. Discos

Das 20h30min às 21h - Programa de música séria pela orquestra da Rádio

1) Eduardo Schimitt - "Cantique d'Amour"

2) Disco de ópera

3) Poesia, recitada por D. Lippi

4) Auber - Segunda fantasia da ópera cômica "Fra Diavolo"

Das 21h às 22h - Programa de música leve com o concurso do dr. Carlos Maia, tenor Rodolfo Pannoni, barítono Mário Sorriso e srta. Ana Maria C. R. de Lima

1 - Disco

2 - "Trepka" - Marche Viennense - Orquestra

3 - "Senza nesciuno" - Cançoneta napolitana, pelo tenor Pannoni

4 - "Beccucci" - "Spighe d'oro" - Valsa - Orquestra

5 - Carlos Gomes - "Aurora e tramonto" - "Meditazione", pelo barítono Mário Sorriso

6 - Percy Elliot - "Á toi" - Canção, orquestra

7 - Pelo dr. Carlos Maia e srta. Ana Maria C. R. Lima será apresentada aos ouvintes a apologia das mãos da fina comédia "O Vendedor de Ilusões", de Oduvaldo Vianna

8 - Gilbert - Primeira parte da opereta "Eva"

9 - "Canta per me", cançoneta napolitana pelo tenor Pannoni

10 - Segunda parte da opereta

11 - "Quando Fiorezca el Jasmim", pelo barítono Mário Sorriso

Às 22h - Meia hora de discos

Às 22h30min - Números de jazz típico pelo jazz-band da Rádio, sob a regência do Maestro Mário de Túlio

Às 23h - Marcha final.

No ano seguinte, com a criação de novos programas e contra-

tação de locutores, a rádio começa a aproximar mais do "povão". A partir de 1937 traz grandes artistas para fazer shows no Teatro Municipal, no seu próprio estúdio, embora pequeno, e nos cinemas e clubes da cidade.

Walter Forster e Roberto Corte Real

"Tininho Pagano criou o programa "Horário do Almoço", e eu me habilitei a ser locutor. Isso aconteceu em 1934. Como eram dois candidatos, Tininho Pagano resolveu fazer um teste: Das 11 horas e 30 minutos às 12 horas", disse ele, "faz um locutor, e das 12 às 13 horas, faz o outro, e depois revezam. O público é quem vai escolher, telefonando ou mandando bilhete, para saber quem é o melhor. Durante três dias nós fizemos os dois horários, e o outro candidato ganhou. Mas ele ficou no lugar só dois dias, porque foi convocado para o serviço militar fora de Campinas. Então eu fiquei como locutor."

Walter Forster foi o segundo locutor da Educadora. Mais tarde entrou o horário das 4 às 6 da tarde, e foi admitido como locutor Agenor Nascimento. Um pouco depois, também como locutor, entrava Auripebo Simões.

Ainda em 1934, outro discotecário entrava na PRC-9. Seu nome: Roberto Corte Real. Ficou na emissora até 1940 e foi para a Sociedade Rádio Cultura PRE-4. Daí em diante, aliou programação à locução e foi em frente, até se tornar um nome conhecido nacionalmente.

Além da programação normal, a PRC-9 também apresentava shows no Teatro Municipal. Numa fase que começou em 1937, a rádio trouxe, num dos primeiros shows, as irmãs Aurora e Carmen Miranda, o Sílvio Caldas e o Almirante. Depois vieram muitos outros cartazes da música brasileira. Durante 1936, muitos programas foram criados e outros mantidos. Programa que ficou no ar pouco tempo, como a "Hora do Almoço", e que ficou muito tempo, como o "Programa de Pedidos". Havia também os programas de música variada, popular, fina, escolhida e leve. Mostrando que era a favor de liberdade religiosa, a rádio apresentava os programas da Igreja Catedral, Igreja Batista e Igreja Presbiteriana. Mandava ao ar o programa "Rádio Jornal da Noite".

Maria de Almeida, Moraes Sarmiento e Rosa Bueno

Maria de Almeida entrou para a Educadora em agosto de 1936. Ela foi a primeira gerente do rádio campineiro e talvez tenha sido, também, a primeira do Brasil.

"Sempre fui conhecida no meio radiofônico por Marina", diz a gerente. "Entreí na PRC-9 como gerente, para auxiliar Tininho Pagano a administrar a parte financeira. No início de 1938, também ingressei na locução; fazendo minha primeira intervenção ao lado do Jolumá, quando apresentamos Carmen Miranda."

Em 1942 ela faria o "Programa Feminino", de grande repercussão na cidade, por viver envolvido com as situações sociais da população.

Moraes Sarmento começou a trabalhar na PRC-9 como operador de som quando tinha quinze anos, isso em 1937. Mas a sua paixão realmente era pela música que controlava, mais do que pela profissão de operador de som. Na Educadora, não ficou muito tempo. Mais tarde, teve chance como locutor e nunca mais largou o microfone.

Rosa Bueno entrou na Educadora em setembro de 1941, quando a rádio tinha quatro locutores: Jolumá Britto, Guedes de Oliveira, Soares Júnior e Paranhos de Siqueira. Fez um teste para entrar, ficou um mês aprendendo e mais trinta anos trabalhando até se aposentar.

"Eu era a única mulher trabalhando como operadora de som e, por isso, não era bem vista pelos outros. Uma vez Orlando Silva veio fazer uma série de apresentações na Educadora. Quando viu que o operador de som era uma mulher, ficou assustado. Com o auditório lotado, não confiava se o programa sairia bem. Apesar de ter percorrido o Brasil todo, Orlando Silva nunca havia visto uma mulher na mesa de som."

O auditório

Em 15 de agosto de 1941, Gustavo Rodrigues Dória foi eleito presidente e Tininho Pagano, diretor técnico da mais recente sociedade anônima: Rádio Educadora de Campinas S/A.

Com Gustavo Dória na presidência, a emissora partiu para quase uma década de grandes realizações, chegando a se igualar às rádios do restante do País. A mola impulsional dessa mudança foi a transferência da PRC-9, em 1942, da avenida Francisco Glicério para a rua Barreto Leme, onde um auditório e demais acomodações foram preparados para recebê-la.

O novo local era completamente diferente do anterior em todos os sentidos. O palco, com cerca de oito metros de largura por seis metros de

profundidade, podia ser ampliado para a frente através de uma peça embutida na sua parte superior, como se fosse uma gigantesca gaveta a ser puxada. Olhando de frente para ele, do lado direito ficava o estúdio da técnica, e do lado esquerdo, o da locução. No prédio também estava localizada a parte administrativa da emissora e um terceiro estúdio. Um bar, que já existia, foi aproveitado. Foram colocadas 150 poltronas removíveis, para que o recinto se transformasse em salão de baile, e os dançarinos pudessem dispor de uma área de 450 metros quadrados. Ao redor do salão, havia cinquenta mesas, para serem vendidos refrigerantes, cervejas e lanches rápidos durante os bailes ou programas de auditório. Ao todo, somavam quinhentos lugares as cadeiras das mesas e poltronas.

A PRC-9, que mesmo quando estava na Glicério já trazia grandes figuras do meio artístico nacional e estrangeiro, ficou mais à vontade com as novas instalações. Surgirão o "Radiorrevista" e o Teatro de Novelas", e o já existente "Radioteatro" viverá seus momentos de glória com mais espaço físico para criar. Os programas de auditório, com uma frequência muito grande, movimentarão a população campineira. Enfim, o rádio da cidade conhece seu auge por volta de 1945.

A programação da PRC-9 nos anos 40

Durante os anos de 1940 foi intensa a participação da Educadora na vida social da cidade, através de programas que foram surgindo e se tornando populares: "Radioteatro", "Radiorrevista", "Teatro de Novelas", "Hora do Trabalhador", "Programa Feminino", "Clube Sapatinhos Vazios", "Anúncios Econômicos", "Hora da Saudade", "Vesperal", "Programa dos Bairros", "Lanterna Mágica", "Clube do Swing", "Domingo Alegre" e muitos outros. Participavam da Semana da Criança com diversas promoções, da Semana da Pátria e de campanhas beneficentes. Muitos programas de auditório mantinham o público sempre presente na rádio.

Além dos programas", conta Jolumá, "a PRC-9 transmitia jogos do Guarani e da Ponte Preta; corrida de bicicletas, a pé, de automóveis e de cavalos; luta livre e boxe. De resto, você pode imaginar o que quiser, porque nós fizemos tudo. Qualquer festa na cidade de Campinas, nós estávamos lá transmitindo: inauguração de loja comercial, concertos de piano, festa familiar. Nós comentávamos os preços das mercadorias, anunciávamos criança perdida. Podemos afirmar que a Educadora era Campinas no ar."

A rádio contava também, em seu cast, com a orquestra Sweet Swing Jazz, Orquestra de Cordas, os conjuntos Regional do Nello e Luís Andreaze e Sua Gente, além de muitos cantores.

Para os radiouvintes apreciadores de música clássica, a PRC-9 criava muitas atrações. Os adeptos dos grandes compositores podiam comparecer ao auditório onde eram realizados recitais de gala com os pianistas brasileiros, como a consagrada Madalena Tagliaferro, no dia 10 de maio de 1946.

Além das atrações "da casa", continuavam vindo artistas famosos, como Emilinha Borba e Francisco Alves, e cantores que ficariam famosos, como Lolita Rodrigues e Hebe Camargo.

Radioteatro, Teatro de Novelas e Radiorrevista

O "Radioteatro" da PRC-9, dirigido por Vicente Ghilardi, foi inaugurado em 1943. Era encenado no palco do auditório, sem espectador, e levado ao ar toda terça, quarta e quinta, com início às 21 horas e 15 minutos e sem horário para terminar. O contra-regra era figura de vital importância. Seu trabalho exigia muita criatividade e improvisação, por ser tudo ao vivo. As peças, adaptadas para o rádio, tinham todos os efeitos sonoros do teatro, como porta fechando, passos, tiro de revólver, produzidos durante a irradiação. Interpretava-se peça completa em três atos, com início e fim na mesma noite, como se fosse no teatro.

Todos eram amadores de teatro; por isso, cada um tinha seu trabalho. Martoni lecionava no Liceu de Campinas, Ghilardi trabalhava na Campanhia Paulista, Antônio Felício, também na Paulista, Ferreira Neto, na Mogiana. Alguns trabalhavam à noite.

O "Radioteatro" esteve no ar por quase sete anos e foram apresentadas cerca de 250 peças. Devido à falta de peças prontas para o rádio, eram radiofonizadas pelo próprio elenco da emissora.

O "Teatro de Novelas", também dirigido por Vicente Ghilardi e, após sua morte, por João Fida, chegou a apresentar três novelas na semana. No sábado fazia-se "A música e seu romance", onde o ouvinte escrevia o nome de uma música e ela saía no ar em forma de romance.

Domingos Cúrcio, artista do "Radiorrevista", "Radioteatro" e "Teatro de Novelas", fala de sua correria para fazer tudo isso e ainda trabalhar no banco. "Eu saía do banco ao meio-dia e vinha correndo fazer novela no auditório. Quando acabava, almoçava e voltava correndo para o banco. Éramos todos amadores, não havia profissionalismo. Cada um vinha correndo do seu serviço, fazia novela e voltava para o trabalho."

"Por ser ao vivo, o que saía, saía no ar. Não tinha como retroceder", afirma João Fida. "Mas nunca houve problemas de parar o programa

por erro, sempre se fazia um contornozinho. Às vezes, o cara se perdia no escrito, e a gente ia lá; metia o dedo e ia lendo, dando continuidade e indo em frente, não parava. A equipe ensaiava a novela uma hora antes e depois entrava no ar, direto, não podia errar."

Carlos Stela, que trabalhava de sonoplasta, passou a gravar efeitos sonoros dos filmes de banguê-banguê, principalmente de tiro. "Essa gravação melhorou muito nossa situação", conta João Fida.

Encontrava-se de tudo nas novelas: comédia, comédia trágica, romance, policial; e elas tinham uma audiência muito grande. O público considerava a equipe de tão bom nível, que muitas pessoas pensavam que as novelas não eram feitas na cidade e sim gravadas em São Paulo.

O programa "Radiorrevista" começou em 1945 e, sob a direção de Irvando Luis, ficou no ar por cerca de cinco anos. Sobre ele fala Domingos Cúrcio, com uma voz de puro orgulho em ter participado ativamente de suas apresentações: "Era um programa grátis ouvido por toda a região de Campinas. O auditório da PRC-9 enchia. Quando eu saía do serviço, às 6 horas da tarde, a Barreto Leme estava cheia de gente para assistir ao programa, às 8 horas da noite. Formavam uma fila que dava volta no quarteirão".

O "Radiorrevista" foi criado por Domingos Cúrcio e Irvando Luís e apresentado ao público toda sexta-feira, das 8 às 10 da noite. No "Radiorrevista" havia de tudo: cenas de humor, teatro, música, paródia. O artista atuava caracterizado de acordo com o personagem a ser interpretado, por isso, mudava de roupa algumas vezes por noite. Os microfones não tinham a capacidade dos atuais, então havia necessidade de se espalhar uns cinco pelo palco. Cada programa tinha, em média, seis esquetes escritos por Domingos Cúrcio e Irvando Luís.

No ar a segunda emissora de Campinas

A história da rádio Brasil de Campinas começou com José Correia Pedroso Júnior, Abel e Sinésio Pedroso, que construíram uma rede de emissoras pelo Estado de São Paulo.

A primeira estação que saiu foi em Adamantina. A segunda foi em Campinas: Rádio Brasil. Veio em onda tropical, enquanto não saía a frequência em onda média de Valinhos. Depois vieram a Rádio Cultura, em Campinas, e mais sete prefixos, que somaram uma cadeia de dez estações em todo o Estado de São Paulo. Alguns anos se passaram, e os três irmãos fizeram uma divisão: Sinésio ficou com a Rádio Brasil; Abel, com a Cultura e José Correia, com as demais.

Em 1947, o deputado José Correia consegue o prefixo para a instalação da Rádio Brasil de Campinas. No ano seguinte, 1948, foi montado o Serviço de Alto-falantes da Rádio Brasil S/A, na rua Barão de Jaguará com esquina de César Bierrenbach, centro da cidade, aquele que seria a escola de locutores para a segunda emissora de Campinas. Além desse SAF, adquiriram também um SAF na Vila Industrial.

Às 12 horas do dia 11 de março de 1950, um sábado, o locutor-empresário, Sinésio Pedroso, colocava no ar a Rádio Brasil ao som do "Guarani", falando estas palavras iniciais: "Mais uma voz nos céus do Brasil: A Rádio Brasil". Fez uma saudação ao povo campineiro e falou do pioneirismo e esforço para colocar no ar a nova estação.

Poucos moradores de Campinas ouviram a nova emissora no dia de sua inauguração. A Rádio Brasil veio em onda tropical, e eram raros os aparelhos na cidade que "pegavam" essa onda, mas Leopoldino B. Bueno Júnior, técnico da rádio, descobriu que, ao colocar um fio numa determinada válvula, a nova emissora entrava em onda média. "Nós falávamos para o ouvinte telefonar para a rádio que ia alguém na casa dele colocar o fio", esclarece Sinésio Pedroso.

A Rádio Brasil começou com toda a força nos esportes, irradiando desde futebol, luta livre, pingue-pongue, boxe, ciclismo, natação e jogo de botão, até uma final de campeonato de pimbolim na Vila Industrial em Campinas.

"Já em 1950, fomos a única rádio do interior paulista a fazer a Copa do Mundo no Maracanã, sem haver condições. Foi uma realização espantosa", orgulha-se Sinésio.

No dia 17 de março fizeram a primeira transmissão de futebol, ao vivo, no antigo estádio do Guarani, na rua Barão Geraldo de Resende. Jogavam Guarani e 15 de Piracicaba. No mês seguinte, transmitiram Brasil e Uruguai no Pacaembu (SP) e em São Januário (RJ), pela Copa Rio Branco.

A equipe esteve junto com o Guarani em sua excursão pelo Chile e Colômbia. Cobriu grande parte dos jogos da Ponte Preta, em 1955, pelo Norte do Brasil. Também acompanhou o Campeonato Sul-americano de Atletismo, em 1957, em Montevidéu. Foi a única emissora brasileira a transmitir este evento esportivo. Além disso, onde estivessem Ponte e Guarani, lá estava a equipe de esportes da Rádio Brasil.

Durval Biondi, que era operador-técnico da Rádio Brasil, fala dos equipamentos. "Nosso material era todo sucata da guerra, inclusive o micro-

fone de ferro, que tenho até hoje guardado em casa: dava muito choque, veio da aviação. Os rádios eram aqueles grandes de válvulas. Os amplificadores, a gente tinha que fazer em casa, porque não havia pra vender. Ninguém conhecia o que era rádio, estávamos no começo. Tinha-se que inventar aparelho, dobrar chapa de aço na mão. Tudo difícil. Rádio pesado. Tínhamos que inventar ou comprar sucata do Exército, da II Guerra Mundial. O cidadão ia a São Paulo comprar aqueles fones usados na guerra pelo Exército, que vendiam na chamada "boca". Fones tão pesados, tão duros que, quando se terminava uma transmissão, a gente não conseguia colocar o dedo no ouvido de tão dolorido que ficava. Transmissor, tinha-se que fazer. Inventamos um. A mesa de som era de táboa; o toca-disco, importado. Tudo era importado. Não havia um rádio pequeno para levar a campo. Eu levava um enorme rádio de válvulas, tipo Capelinha, chamado de rabo quente, que tenho até hoje em casa. Media trinta centímetros de altura, por trinta de largura. Para carregar todo o equipamento para o campo eram necessárias, em média, cinco pessoas. Antes de fazer uma transmissão de um jogo em Bauru, tive que plantar postes e puxar quatrocentos metros de fio telefônico para falar com a rádio. Hoje, tudo é uma maravilha, com quatro cabos para ida e volta do som."

A Rádio Brasil não era só esportes

Na avenida Francisco Glicério, onde estava instalada a Rádio Brasil, não havia condições de ter programas de auditório, por ser uma casa, mas assim mesmo fizeram radioteatro nela e alguns programas. A casa com dois andares, tinha um estúdio tão pequeno que, no programa "Música que o tempo não apaga", animado por uma bandinha ao vivo, o Benedito Lima, músico do contra-baixo, precisava colocar metade do instrumento para fora da janela, para poder tocar.

"A programação veio para atingir o 'povão", diz Sérgio Salvucci, narrador e comentarista esportivo em atividade no rádio campineiro desde 1948. "A única rádio existente na cidade, a Educadora, voltava-se mais para a elite."

Numa programação geral, havia jornal falado de manhã, à tarde e à noite, sob o comando de Dantom Gomes. Fazia programas e shows nos clubes, principalmente no Clube Semanal de Cultura Artística, e também no Teatro Municipal, locais por onde passaram grandes artistas. Acrescenta Sinésio: "Foram grandes shows animados pelas orquestras do Julinho e do Berico. Orquestras inteirinhas, com vinte e tantos músicos, apresentados a

rigor." Os locutores apresentavam os programas no palco, de traje a rigor. "Todos andavam bem vestidos", inclusive a platéia, de paletó e gravata. Era obrigatório."

Além das programações normais, a Brasil também participava de todas as realizações na cidade, como inaugurações de ruas, lojas, praças e outros logradouros. Batista Linardi, que também já esteve na Educadora, comenta: "Passamos a levar a Rádio Brasil às ruas através das reportagens. Saímos do estúdio, o que não acontecia com a Educadora. Assim a Rádio Brasil deixou a PRC-9 para trás. Cresceu a Brasil, com uma audiência fantástica, e esvaziou a Educadora."

O Radioteatro no Brasil

A primeira novela a ser irradiada pela Rádio Brasil foi "Caminho do Céu", "um maravilhoso romance de amor e aventura" (*Correio Popular*, 18.06.1950). O primeiro capítulo foi ao ar no dia 27 de junho, e os demais seriam apresentados toda terça e quinta-feira das 15 às 15 horas e 30 minutos.

Os efeitos sonoros continuavam sendo produzidos pelo contra-regra ou pelos próprios artistas. Um pouco mais tarde, RCA gravou um disco de efeitos sonoros. Foi um sucesso para o radioteatro. Inclusive, o *Correio Popular* anunciou que as novelas da Rádio Brasil passariam a ser mais comoventes com o disco recém-adquirido.

Novas ondas e freqüências.

A Rádio Brasil, como já vimos, veio em onda tropical, que é um tipo de onda curta, numa faixa de 121,9 metros e 2.460 quilohertz. Alcançava lugares distantes, outros países até; mas em Campinas tiveram que colocar o "araminho" na cabeça da válvula de entrada dos receptores, para que todos pudessem ouvi-la.

Em 1951, poucos dias depois de a segunda emissora de Campinas completar um ano de atividades, seus responsáveis colocavam no ar mais um prefixo - ZYR-39 - ondas médias e freqüência de 1.270 quilohertz, a Rádio Brasil de Valinhos.

Embora a rádio fosse chamada por esse nome, em Valinhos nunca houve estúdio. O que existe é o transmissor, mesmo assim por questões burocráticas. Como a segunda estação dos irmãos Pedroso necessitava de ondas médias, eles juntaram os dois prefixos e ficaram somente com

a Rádio Brasil de Campinas, e os campineiros passaram a ouvi-la sem ajuda do "araminho". Nos mesmos dias conseguiram, também, novas ondas tropicais (ondas curtas) de 63 metros e 4.755 quilohertz.

A grande crise da Educadora

Carlos Guedes de Oliveira, que trabalhava como assistente de diretor, fala da crise financeira atravessada pela Rádio Educadora na década de 50: "Dr. Dória era totalmente político. Nas eleições de 1949 apaixonou-se pela candidatura de Paschoal Ranieri Mazilli e nela empenhou-se financeiramente. A rádio, em pouco tempo, entrou num caos. Apareceu a família Leuzzi, que representava a Rede Piratininga de Rádio, e comprou as ações do dr. Dória. O negócio foi concretizado por volta de 1952. Os Leuzzi passaram a majoritários da Rádio Educadora S/A e a administrá-la. "Foi um tempo crucial, um tempo bárbaro. Porque mudou a gerência, e ficamos com pouco contato. Depois de algum tempo, a coisa começou a se apertar aqui: salários atrasados, não havia inspetores para administrar a rádio. A Rede Bandeirantes começou a financiar os Leuzzi e a administrar a rádio. Chegou a um ponto que não dava mais para eles 'rolarem' a dívida; então a Bandeirantes ficou com as ações de sua família."

A crise forçou a saída da Educadora do prédio onde o auditório viveu grandes momentos radiofônicos: cerca de uma década de glórias, um movimento intenso de acontecimentos sociais. Com a transferência, em 1958, para a Avenida Francisco Glicério, 957, no prédio do Banco do Estado de São Paulo (Banesp), iniciava-se nova fase na trajetória da rádio pioneira de Campinas: o ajuste aos novos tempos da televisão e à concorrência das Rádios Brasil e Cultura.

A Rádio Brasil muda de local

No início de 1952, a Rádio Brasil foi instalada em um novo local: Rua Barão de Jaguará, na Galeria Trabulsi, centro de Campinas. Ficaram com todo o terceiro andar. Instalações modernas, auditório com 220 poltronas. Cada departamento com sua sala. Com as novas instalações, a segunda emissora campineira pôde expandir mais ainda seu raio de ação, pois passava a contar com seu próprio auditório, além de melhores acomodações para os funcionários. Novos programas puderam ser criados, usando o maior

espaço. Não precisavam mais colocar o contra-baixo para fora da janela, como faziam no local anterior.

No ar a terceira emissora

No dia 26 de março de 1953, a partir das 12 horas e 30 minutos, era inaugurada a terceira rádio da cidade, com o prefixo ZYR-72, uma frequência de 1.390kHz e ondas médias. A nova emissora foi colocada num banheiro da Rádio Brasil. É isso mesmo! Enquanto não se encontrava um lugar mais adequado, ela ia ficando por aí. De início, a nova estação era apresentada como Nova Rádio Brasil. Passou a ser Rádio Publicidade e Cultura e hoje é conhecida como Rádio Cultura de Campinas.

Diz Sinésio Pedroso: "Fazíamos a programação da Cultura no estilo FM, mas o FM da época. O FM de hoje está completamente desmoralizado. Tínhamos só vozes bonitas, poucos anúncios. Só músicas escolhidas para um público seletivo. Foi a idéia inicial da FM, por causa da beleza do som. Tendo duas rádios, fizemos uma tipo FM. A Brasil ficou uma rádio comum e a Cultura, uma rádio de elite. Estava começando FM, havia uma ou outra de FM. A Cultura veio fazendo três anúncios por intervalo, quer dizer, era pouquíssimo. Só FM que tinha isso, pouca publicidade, mas era porque também não tinha ouvinte."

Os caminhos das Rádios Educadora, Cultura e Brasil

As Rádios Cultura e Brasil se separaram. Abel ficou com a Cultura e Sinésio com a Brasil. Essa divisão aconteceu em 1958. Desmembradas as estações, houve um enfraquecimento. As equipes se dividiram. A Cultura partiu para jornalismo e programação variada.

Com essa situação, a Educadora, que havia sido comprada pela Rede Bandeirantes em julho de 1959, foi beneficiada e cresceu bastante. Entrava no ar Júlio Atlas, um radialista de grande prestígio no rádio brasileiro, enviado pela Rede Bandeirantes, direto de São Paulo para acertar a vida da PRC-9. Sob seu comando, teve início um período de grandes reformas, incluindo contratação de radialistas das outras emissoras da cidade.

A Educadora, que tivera seus momentos áureos por volta de 1945, sofreu um declínio no início dos anos 50. Exatamente quando surgia no cenário a recém-nascida Rádio Brasil, que entrou com toda força, principalmente no esporte. Nos anos 60, as três emissoras de Campinas seguem

novos rumos e sofrem mudanças fundamentais em suas audiências, com uma nova ascensão da velha PRC-9.

No ano de 1959 a Rádio Educadora alugou um conjunto de salas no décimo andar do prédio onde já estava instalada, para funcionarem a Gerência e a Contabilidade. Desde o dia 4 de abril de 1978 está no vigésimo primeiro andar do prédio 1.031, na rua General Osório, no centro de Campinas, após ter saído do prédio do Banespa.

A Rádio Cultura, com o desmembramento, mudou-se para o terceiro andar, que é próprio, do prédio 1.214, na rua Benjamin Constant, centro de Campinas, onde está até hoje.

A Rádio Brasil permaneceu na Barão de Jaguara cerca de doze anos, saindo de lá por volta de 1964. Foi para a rua Barão de Itapura, esquina com Osvaldo Cruz, numa casa onde ficou dois anos. Mudou-se para a rua 13 de Maio, 140, no quinto andar, e permaneceu aí durante uns quatro anos. Desse local, no início da década de 70, foi para o quinto andar, que é próprio, do prédio onde já estava instalada a Rádio Cultura.

Na década de 60, mudaram-se os homens, mudou-se a maneira de comunicar, o rádio mudou. Ele agora é mais moderno, sem esquemas rígidos, mas descontraído em termos de parte técnica, menos romântico e mais profissional. O comunicador vai para o microfone e fala o que quer, usa o telefone, a interpretação de ouvido.

A TV tirou a grande audiência do rádio, principalmente no período noturno. No início, ocorreu uma queda de audiência diante da novidade que era a TV. Diante do novo desafio, o rádio tratou de reformular. Passou a fazer um jornalismo de equipe, nas ruas e com reportagens, com mais informações. Deixou de fazer aquele rádio de produção elitizante, de cantores ao vivo, de novela e partiu para um rádio mais popular, dedicado à grande massa; levando-se em conta que é mais fácil, a qualquer pessoa, ouvir um radinho do que se sentar na frente da televisão, porque não se pode apenas ouvi-la, é necessário vê-la. Então o rádio, se ergueu de novo.

(Admilson Souza Pinto, Carlos Alberto Piacenti, Hermelindo de Oliveira, Jair Paes Athú e Lázara Paes Leme)

**PUBLICAÇÕES INTEGRANTES DA
REDE IBERO-AMERICANA DE REVISTAS DE
COMUNICAÇÃO E CULTURA**

Cadernos de Jornalismo e Editoração

Publicação trimestral do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Correspondência:

Cadernos de Jornalismo e Editoração
Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443
Cidade Universitária – Butantã
05508 – São Paulo
BRASIL

Comunicação e Linguagens

Publicação semestral do Centro de Estudos de Comunicações e Linguagens (CECL).

Correspondência:

CECL
Departamento de Comunicação Social
Avenida de Berna, 24
1000 – Lisboa
PORTUGAL

Comunicação e Sociedade

Publicação semestral editada pelo Mestrado em Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS).

Correspondência:

Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social
IMS – Revista de Comunicação e Sociedade
Rua Sacramento, 230 – Rudge Ramos
09720 – São Bernardo do Campo (SP)
BRASIL